

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JANAINA DA CRUZ MARTINS LIZZE



**GÊNERO NA EDUCAÇÃO: DE QUE FORMA PROFESSORAS DE UMA ESCOLA
DO INTERIOR VIVEM O TEMA**



CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JANAINA DA CRUZ MARTINS LIZZE

**GÊNERO NA EDUCAÇÃO: DE QUE FORMA PROFESSORAS DE UMA ESCOLA
DO INTERIOR VIVEM O TEMA**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Profª Ms. Adriana Teles de Souza

CURITIBA
2016

GÊNERO NA EDUCAÇÃO: DE QUE FORMA PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DO INTERIOR VIVEM O TEMA

Janaina da Cruz Martins Lizze*

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo investigar a concepção que professoras e professores de uma escola pública estadual do interior do Paraná têm a respeito da questão de gênero na educação, compreendendo como se dão as diferenças entre alunas e alunos em sala de aula, bem como, as causas que estas podem vir a ocorrer. Compreender a questão de gênero e suas influências no ambiente escolar se faz pertinente, uma vez que, vivemos em uma sociedade machista em que mulheres são vítimas de diversos tipos de violência, praticados e naturalizados, por uma sociedade que é levada a compreender que esses casos são isolados ou frutos de uma má conduta do agressor. Portanto, ao investigarmos sobre a questão de gênero na escola, apontamos sobre a importância de professoras e professores compreenderem que as transformações sociais podem ser frutos de uma educação igualitária e para tanto, se faz necessário, a compreensão de como essas diferenças são perpetuadas pela escola atual, evidenciando a necessidade de que os docentes recebam formação sobre o tema. A pesquisa foi realizada com dois grupos de professoras da instituição, baseando-se nos estudos de Michel Pêcheux (1988,1997) a respeito da análise discursiva, buscando compreender as respostas de professoras a partir das pesquisas realizadas sobre as compreensões que professoras e professores apresentam da questão de gênero. Nossa hipótese era de que professoras e professores não possuem a formação necessária sobre o tema e portanto, reproduzem algumas práticas sexistas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Análise Discursiva Francesa.

*Artigo produzido pela aluna Janaina da Cruz Martins Lizze (janaina_cml@hotmail.com) do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Ms. Adriana Teles de Souza (adriana_teles3@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

A questão de gênero no ambiente escolar aparece como uma discussão a ser investigada, uma vez que este, além de ser um problema social, ocorre dentro das escolas diariamente. Diante disso, buscou-se investigar a forma que professoras e professores de uma escola do interior do Paraná, no município de Ourizona, compreendem a questão de gênero no ambiente escolar. Partindo da compreensão de que os sujeitos são criados de formas diferentes considerando o seu sexo:

As crianças são criadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher e não de forma natural, inclusive as próprias organizações sociais tratam de naturalizar fenômenos que são completamente sociais. (RICARTE et al, 2015, p. 45)

Às meninas são ensinadas brincadeiras de casinha, de ser mãe, são cobradas atitudes dóceis e pacíficas. Enquanto os meninos têm sua criatividade e liberdade estimuladas, além de a eles serem evitados comportamentos possivelmente emotivos, estimulados então a serem “machos”. Conforme explicado por Louro (2008), essa diferença é produzida por meio de processos discursivos culturais, nós vivemos a partir do que nos é ensinado repetidamente pela cultura, igreja, normas familiares, entre outras coisas.

Vivenciamos todos os dias no interior das escolas (e em nosso dia-a-dia), expressões do machismo estrutural da nossa sociedade. De acordo com Silva e Mendes (2015) existem algumas relações, espaços e símbolos que afirmam quais são os lugares reservados às meninas e quais são reservados aos meninos, as autoras afirmam que para a comunidade escolar esse fato ocorre de modo tão natural, que os envolvidos não percebem as diferenças dentro do espaço escolar.

Essas expressões geralmente são consideradas naturais pelos profissionais que ali trabalham, bem como pela maioria das alunas e alunos. Por isso, Resende (2011) aponta para a necessidade de uma educação não sexista nas escolas, em que os envolvidos ajam de forma consciente, para que a formação de alunos críticos nos aspectos sociais e políticos, que sejam capazes de contestarem e não mais reproduzirem de forma acrítica a

socialização que distingue o que o homem pode fazer do que a mulher não pode fazer.

Passamos ainda por um cenário em que meninas antes ou depois de estudarem, têm obrigações domésticas o que diminui seu tempo de dedicação a brincadeiras, estudos e lazer, em relação aos meninos. Diante disso, são cobradas responsabilidades e maturidade mais cedo por parte das meninas. De acordo com uma pesquisada realizada em 2013, pela ONG *Plan International* Brasil há uma gritante desigualdade de gênero no espaço doméstico, uma vez que as meninas são responsáveis em grande parte pelos cuidados da casa.

Considerando essa problemática, que engloba muitas outras ainda, **nossos objetivos foram os de investigar as formas como o tema é vivenciado na instituição e o posicionamento de professoras e professores sobre esse assunto, se estes compreendem a construção social do ser menina ou ser menino, como essas diferenças são percebidas em sala de aula, se ocorrem medidas para solucioná-las, bem como, se receberam formação necessária sobre a temática.**

.Para tanto 5 professoras de uma escola estadual do interior do Estado do Paraná, no município de Ourizona foram entrevistadas, sendo elas divididas em duas categorias: três professoras com mais tempo de atuação na educação e outro grupo formado por duas professoras mais jovens e com menos tempo de atuação. Nossa **hipótese** é de que, por conta da precária formação sobre o tema, as professoras não tenham claro a definição do termo gênero, bem como façam, de forma automática, a distinção entre meninos e meninas na sala de aula, cobrando de formas e critérios diferentes alunos e alunas.

Em virtude disso, o presente artigo organiza-se a partir da revisão de literatura buscando a conceituação e contextualização do termo, pesquisa e estudos científicos que investigaram a compreensão de professores referente ao tema gênero na escola. Apontamentos sobre a metodologia escolhida- análise discursiva francesa, estudada por Pêcheux (1988;1997); A análise das entrevistas realizadas buscando compreender a concepção de gênero para professoras de uma escola estadual do interior do Paraná, pautada em referenciais teóricos e as reflexões pós análise que possam ser pertinentes e motivar novas pesquisas sobre o tema.

2. REVISÃO DO ESTUDO

Para subsidiar teoricamente nossa investigação a respeito da compreensão que professoras e professores possuem a respeito da questão de gênero, bem como, as formas que vivenciam o tema na escola, buscamos materiais que exploravam, primeiramente, as discussões a respeito do termo gênero e sua definição, posteriormente a relação entre gênero e a educação, e outros estudos que investigaram as formas que professores e professoras compreendem essa relação. Foram realizadas pesquisas buscando, principalmente, por materiais que abordassem a necessidade de uma melhor compreensão da questão de gênero na educação.

Para tanto, aprofundamo-nos no trabalho de Santos e Oliveira (2010) que pesquisaram a respeito da questão de gênero na sociedade capitalista. Diante disso, as autoras definem o termo como um processo complexo que envolve as relações e características entre os sexos e junto a isso, as relações entre sociabilidade e cultura. “Trata-se de identificar como os valores objetiva e subjetivamente construídos são introjetados, vivenciados e reproduzidos na vida cotidiana” (SANTOS E OLIVEIRA, 2010, p.12).

Buscando formas de reconhecer como a questão de gênero pode ser compreendida e é reproduzida na sociedade, recorreremos ao material produzido por Louro (2008), que explica como essa questão se dá na contemporaneidade. A autora contribui com reflexões sobre os reflexos da expressão “*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*” (BEAUVOIR, 1940 *apud* LOURO, 2008). A autora explica que essa expressão indica o início da contestação de que o modo de ser e estar no mundo não resultava de um ato único, mas era sim uma construção. Compreendemos, portanto, que essa construção parte de várias instâncias da sociedade que reproduzem o que é esperado quando se é mulher.

A fim de contextualizar a questão de gênero no ambiente escolar, apoiamo-nos no material produzido por Ricarte *et al* (2015) as autoras e o autor ressaltam que a escola é uma instituição formadora de pessoas, cidadãos e cidadãs, é nesse local que se apreendem os primeiros conhecimentos, por isso, devemos reconhecer também que temos ainda uma

educação conservadora e reprodutora das relações de gêneros. As autoras e o autor indicam que a história da educação brasileira sofre influência do sistema patriarcal e da igreja católica, que implica na exclusão da mulher no espaço educativo do período inicial da escolarização brasileira. Após a revolução de 1930 surgem algumas medidas educacionais voltadas para a educação de massa, no entanto, de acordo com os autores, somente com a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 que as mulheres tiveram o acesso igualitário ao ensino superior.

Atualmente, com a Legislação de Diretrizes e Bases de 1996 e a Constituição Federal de 1988, todos os indivíduos tem direito a educação. No entanto, Andrade, Pinho e Pulcino (2014) apontam que as escolas se constituem como espaços fundamentais para a socialização dos e das jovens e muitas vezes nelas são reproduzidas relações de poder que incluem práticas machistas e sexistas.

Notamos essas práticas no dia-a-dia das escolas, quando são exigidos determinados e diferentes comportamentos das meninas e dos meninos, apesar de serem estudantes, além de que, algumas práticas dos meninos são relevadas, diante dos argumentos de que eles são assim mesmo. Sobre isso Ricarte *et al* (2015) explicam que essa distinção pode ser notada já no nascimento dos bebês, que são tratados e educados conforme o que a sociedade define como sendo de homem e de mulher e não de forma natural.

Além das problemáticas apresentadas, as diferenças na criação, as cobranças na escola, deparamo-nos com mais um agravante: Meninas têm menos tempo para brincar e estudar por conta do trabalho doméstico. A ONG *PLAN INTERNATIONAL BRAZIL* realizou uma pesquisa com duas mil meninas entre 6 e 14 anos, a assessora nacional de Gênero e Segurança dessa Ong, Célia Bonilha explica que o estudo comprova que pelo fato de serem meninas elas são tratadas como responsáveis pelo trabalho doméstico, o que tira parte da infância, sendo elas responsáveis em 81,4% por arrumar sua cama enquanto os meninos que responderam a pesquisa foi de 11,6%, 76,8% por lavar a louça e os meninos 12,5% e 65,6% por limpar a casa enquanto os meninos 11,4%, além do mais, 4,6% saem de casa para trabalhar, contra 12,5% dos meninos. Além disso, a pesquisa mostra que 9,6% das meninas não se sentem feliz por ser menina e 5,7% não se diz orgulhosa de

seu gênero, 64% das meninas acreditam que meninas são mais obedientes e 61,7% afirmam que meninas são mais amigas que meninos.

A discussão apresentada sobre a questão de gênero, as pesquisas e a realidade que vivenciamos nos instiga a pesquisar como professoras e professores entendem essa problemática, se reconhecem essas diferenças no dia-a-dia e como reagem a elas. A partir da questão norteadora, procuramos por pesquisas que envolvessem professores a respeito da compreensão entre as diferenças na formação das alunas e dos alunos. Baseamo-nos principalmente nas pesquisas de Halpern, Silva C. e Silva L., (1999) e MAIA Ana, MAIA Ari e NAVARRO (2011), no primeiro estudo, as autoras e o autor realizaram uma pesquisa de forma longitudinal, na cidade de Pelotas, com crianças nascidas no ano de 1992, investigando o porquê, na ocasião, os índices de repetência eram maiores entre os alunos do sexo masculino e/ ou negros. E no segundo estudo, as autoras e o autor investigaram os conceitos e opiniões que professoras das séries iniciais do ensino fundamental têm a respeito sobre a questão de gênero.

3. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

3.1 Metodologia utilizada para coleta e organização das informações

A fim de compreender como se dão as relações e práticas na escola de forma a responder nossos questionamentos sobre a compreensão que professoras professores possuem sobre as questões de gênero utilizamos a análise de discurso francesa. Esse tipo de análise é discutida na escola francesa por Michel Pêcheux. O autor se propôs a criação de um instrumento científico que fosse capaz de analisar o discurso, Henry (1997) aponta que Pêcheux buscava que esse instrumento fosse seu sistema de análise automática do discurso. Considerando o instrumento elaborado por Pêcheux, apoiaremos-nos sobre uma das premissas que embasam o instrumento em questão: trata-se das condições de produção do discurso que deve ser levado em consideração na análise do mesmo.

Gill R. (2002) *apud* Caregnato e Mutti (2006) explicam que ao tomar o discurso como objeto, a análise discursiva considera a importância deste na construção da vida social. De acordo com as autoras, Pêcheux estabelece a

relação que existe no discurso entre língua/sujeito/história. As autoras explicam que a análise de discurso é uma disciplina de interpretação pela junção das epistemologias distintas, sendo elas as áreas da lingüística, do materialismo histórico e da psicanálise. “Essa contribuição ocorreu da seguinte forma: da lingüística deslocou-se a noção de fala para discurso; do materialismo histórico emergiu a teoria da ideologia; e finalmente da psicanálise veio a noção de inconsciente que a AD trabalha com o de-centramento do sujeito.” (ORLANDI EP, *apud* 2003 CAREGNATO e MUTTI, 2006).

Portanto a partir dessa análise, observa-se para além do texto, uma vez que compreende-se que o sentido não está junto com o que é dito. Para essa abordagem, o analista deve buscar os sentidos por meio da interpretação. Sobre isso, Eckert-Hoff (1990), afirma que:

A articulação dessas regiões possibilita apresentar o discursos em suas relações com o mundo exterior. A inscrição da teoria do discurso numa epistemologia interdisciplinar faz com que sua relação com os campos de conhecimento, seja vista de forma crítica. (ECKERT-HOFF, 1990, p.25)

De acordo com Caregnato e Mutti (2006), a análise discursiva objetiva interrogar os sentidos estabelecidos nas formas de produção verbais ou não verbais, é necessário apenas que a materialidade produza sentidos para a interpretação. Por esse motivo é discutida a relevância da análise contextualizada.

Pêcheux (1997) aponta que:

O discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. Portanto, o discurso deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. (PÊCHEUX, 1997, p. 77)

Por esse motivo, analisaremos as entrevistas para além do que foi dito, considerando os determinantes que possam implicar nas respostas dadas, bem como, nas observações que confrontam o que é dito com o que é feito. A forma de entrevista gravada, e não escrita, por exemplo, reflete o posicionamento exposto por Pêcheux (1997) que afirma que é impossível analisar um discurso como um texto, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-la ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção.

Além do mais, Pêcheux (1988) explica o porquê a ideologia deve ser analisada e/ou considerada junto a análise discursiva, de acordo com o autor, é necessário analisar o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições, são produzidas e reproduzidas. O autor resume essa tese, afirmando que: “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

3.2 Apresentação dos dados da pesquisa

A entrevista foi realizada com as professoras no colégio estadual em que atuamos, previamente, elas foram informadas sobre o teor da pesquisa e leram as questões elaboradas em consonância com a professora orientadora da pesquisa, responderam as perguntas e estas foram gravadas. Após esse momento, as respostas foram digitadas e analisadas. As questões e respostas foram divididas por temas, sendo eles: **Significado de gênero para professoras de uma escola estadual do interior; Existem diferenças na escola? Como lidar com elas? A formação de professores na questão de gênero; Gênero e a divisão de tarefas domésticas e Diante do que você observa, a educação de gênero é importante?**

As respostas foram analisadas a partir dos autores e autoras e trabalhos apresentados, bem como, partindo do postulado pela análise discursiva, em que, de acordo com essa vertente, é necessário conhecer o contexto do discurso, as condições de produção, e quem fala. Diante disso, além das respostas dadas pelas entrevistadas, as práticas do corpo docente são observadas recorrentemente na instituição.

As professoras foram divididas em dois grupos: No primeiro grupo estão as professoras P1, professora readaptada no momento, atuante nas áreas de educação física e arte com 50 anos de idade e 22 anos de sala de aula; P2 com 47 anos de idade e 24 anos de docência, atuante nas áreas de geografia e sociologia e P3, com 34 anos e 16 anos em sala de aula, atuando como professora dos anos iniciais do ensino fundamental, coordenadora pedagógica

do colégio em questão e professora da disciplina de artes. No segundo grupo, estão as professoras mais jovens, aqui denominadas P4 com 30 anos de idade e 5 anos em sala como professora de matemática e P5 com 28 anos e 6 anos como professora de inglês. Destaco ainda que dois professores foram convidados para participarem da pesquisa, no entanto, percebemos certa resistência quando o tema foi apresentado e a pesquisa não foi realizada.

3.3 Significado de gênero para professores de uma escola estadual do interior

A partir do referencial teórico estudado, compreendemos o termo gênero como uma construção social, é o que diz Louro (1992) *apud* Halpern, Silva C. e Silva L., (1999), quando diz que essa construção é também histórica de sujeitos femininos e masculinos que se dá de forma diferente, dentro da mesma sociedade, de acordo com diferentes modelos, ideais, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões sobre mulher e sobre homem.

Considerando a escola como uma instituição formativa, Louro (2003) *apud* Silva e Mendes (2005) apontam o papel da escola na contribuição dessa construção do ser menina e ser menino, uma vez que ela também perpetua concepções machistas e sexistas. De acordo com as autoras algumas condutas desse comportamento tornem-se naturalizadas no ambiente escolar, e essa, nos impede de perceber as possíveis diferenças e discriminações advindas dessas relações.

Na pesquisa de Halpern, Silva C. e Silva L., (1999) as autoras e o autor apontam que as professoras e os professores percebem as diferenças entre os meninos e as meninas e as ancora sobre suas concepções e representações e assim dão forma aos próprios comportamentos de seus alunos. Em virtude disso, buscamos compreender de que forma as professoras compreendiam essa expressão, como definiam. De forma geral elas apontaram que se trata da diferença entre os sexos, ou a não diferenciação. Bem como o exposto na pesquisa de (MAIA, MAIA e NAVARRO, 2011), na ocasião as autoras e o autor pontuam que as professoras “percebem que esses padrões não se reproduzem de modo fixo no cotidiano de seu trabalho” (p.34). Tratando-se da questão norteadora de nossa pesquisa- a compreensão de que

professoras e professores tem a respeito do termo gênero, nesse item serão expostas todas as respostas das professoras entrevistadas, como se segue.

A P1 considera o gênero sendo:

O Gênero é a questão do sexo masculino e feminino, ela é importante sim e vejo que ela é importante porque de certa forma é cobrado diferente da menina e do menino, às vezes a gente exige muito mais da menina do que do menino. (Dado coletado em: 14.jul.2016)

Para a P2:

Pelo questionário a primeira coisa é o termo gênero, quando se trata de gênero fica meio complicado a gente definir, porque você fica com aquela coisa **não é homem, não é mulher, não é homossexual**. Então o que é gênero? É muito difícil à gente colocar isso na cabeça das pessoas, é uma questão de viver mesmo, você vive a questão de gênero nas pessoas e não sei se tem uma definição teórica, se tem na minha opinião de professora fica complicado. Mas a gente procura fazer uma educação de forma que as pessoas não se diferenciem como homem, como mulher, num sentido de como estudar, como trabalhar, como fazer, o que fazer. Fazer porque são pessoas, definir-se como pessoas e não exatamente como homem e como mulher. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

A P3:

O termo gênero é uma palavra nova, que agora as pessoas estão se questionando o que é, mas até um tempo atrás a gente não ouvia falar, eu até já tinha noção por conta de uma professora q eu tive aula. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

Identificou-se dessa forma que, as professoras não conhecem uma definição do termo. Sobre o tema elas falam o que ouviram falar, ou supõem diante das discussões que ocorrem na sociedade. Convergindo com a pesquisa de (MAIA, MAIA e NAVARRO, 2011) , em que as autoras e o autor, em sua pesquisa, constataram que as professoras mostravam que sua formação acadêmica em relação ao tema sexualidade foi precária e ou inexistente.

Já o segundo grupo, define o termo da seguinte forma:

P4:

Gênero basicamente o que eu entendi... sem buscar no dicionário é o **que diferencia feminino do masculino, homem e mulher** , coisa assim. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

E a P5:

Gênero pra mim é como individuo se identifica, pode se identificar com o gênero feminino ou masculino ou os dois, mas não tem nada a ver com o sexo que essa pessoa tem, por exemplo, uma pessoa do sexo masculino pode se identificar com o gênero feminino e não tem nada a ver com sexualidade. Também ele pode se identificar com as coisas daquele gênero e não ter a opção sexual que aquele gênero tem. (Dado coletado em: 29.jul.2016) (grifos nossos)

A partir dos estudos sobre o tema, e dos encaminhamentos realizados na pesquisa, percebemos que nenhuma das professoras tem a compreensão de que gênero é sobre uma construção social na criança, que a forma para o ser menino ou ser menina, e junto a todas muitas coisas que interferem na composição da pessoa. Aproximando-se à pesquisa de (MAIA, MAIA e NAVARRO, 2011) em que as autoras e o autor apontaram para uma contradição a respeito das concepções de gênero, na pesquisa em questão, as professoras demonstraram acreditar em padrões hegemônicos ou então afirmaram que esses padrões não se reproduzem no ambiente escolar.

Contudo, percebemos uma aproximação das respostas das professoras dos dois grupos quando supõem que gênero trata de uma imposição quanto a não definição do ser homem, mulher ou homossexual. Diante dessas respostas, por vezes, já presenciamos na escola uma resistência a um possível programa federal a respeito de uma cartilha sobre gênero a ser trabalhada na escola, sob justificativa de que, agora, a escola teria a função de ensinar os meninos ‘essas’ coisas de meninas e vice-versa, com riscos, de eles tornarem-se afeminados.

3.4 Existem diferenças na escola? Como lidar com elas?

A partir da compreensão que o gênero é uma construção social, buscamos compreender de que formas essas diferenças socialmente construídas são notadas pelos professores na escola e se, há por parte das professoras, encaminhamentos para amenizá-los. Nas entrevistas, praticamente todas as professoras citaram o fato de as meninas apresentarem materiais, trabalhos e cadernos mais caprichosos, bem como, dos meninos serem aceitos comportamentos mais agressivos. A respeito do primeiro caso, observemos o que diz uma professora de cada grupo.

Para a P2:

A gente identifica na sala, **as famílias ainda fazem muito essa diferença entre criar meninos e criar meninas, a gente percebe isso sim, até na qualidade dos trabalhos** os meninos podem ser mais relaxados as famílias aceitam esse relaxo dos meninos. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

E a P4, assim como as demais professoras, assinala:

Por exemplo, se um menino tem um caderno rosa isso é terrível, isso não existe, se ele tem uma letra bonita, isso não é coisa de menino,

se ele é muito caprichoso no caderno dele, isso não é coisa de menino. Já do outro lado, se uma menina gosta muito de jogar futebol, parece que não, até mesmo no esporte, mas ainda existe, se ela gosta de jogar futsal isso não é coisa de menina, menina tem que jogar vôlei, queimada, handebol no máximo. Futsal não é coisa de menina, e se a menina não é caprichosa: Como assim você não tem a letra bonita? Nem parece caderno de menina... ou até na forma de se vestir, ainda existe isso ainda hoje em dia. (Dado coletado em: 14.jul.2016)

De forma recorrente, as professoras apontam que é mais tolerado que os meninos não cuidem tanto de seu material e quando isso foge do padrão, a sexualidade do aluno é questionada. O mesmo ocorre ao contrário.

No entanto, as duas professoras do grupo de professoras mais antigas, e a P4 do grupo de professoras mais novas apontam para um importante avanço quanto a isso. Apesar de relatar que por vezes na educação física os meninos se recusam a fazer algumas atividades, por considerarem “coisa de menina”, a P1 afirma:

E eu vejo na educação física quando eu estava em sala não existia mais isso, a menina jogava futsal de igual pra igual com os meninos e o contrário. A gente não cobrava porque de repente, as meninas batiam mais que os meninos, as meninas transgrediam mais as regras que os meninos e as meninas eram de igual pra igual. E eu comecei a perceber de certa forma que elas não querem essa diferença, elas querem participação igual. (Dado coletado em: 14.jul.2016)

A P2 também reflete sobre um possível avanço, dizendo:

Tem sim coisa de menino e coisa de menina com 24 anos de sala de aula eu **posso dizer que isso melhorou bastante**. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

E a P4:

Pra falar a verdade, acho que hoje em dia eles mesmos não tem esse preconceito, de: “ah você é menina, você não vai brincar disso”. Entre eles você não vê, é algo mais de família do que da escola. (Dado coletado em: 29.jul.2016)

Retomamos então o apontado por Ricarte *et al* (2015) em que as autoras e o autor discutem sobre o poder formativo da escola de sujeitos que vivem em sociedade, sendo ainda nesse local que se apreendem os primeiros conhecimentos, por isso, reconhecemos, junto as autoras e o autor, que temos ainda uma educação conservadora/reprodutora das relações de gêneros. Diante disso, percebemos que a escola ensina e dita alguns comportamentos e por outro lado evita questionar outros.

Buscamos investigar isso, questionando as professoras a respeito do comportamento esperado dos alunos e alunas, as professoras disseram que notam sim uma diferença em seus comportamentos. Conforme apontado pela professora.

P1:

Espera-se que as meninas sejam mais compreensivas, mais caprichosas, sentem corretamente. Menino não, a gente define: ah, **mas ele é menino, menino pode**, é coisa de menino mesmo ... educação física, na arte, eu vejo, na escola, tudo é mais permitido, pra menina não. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

P5

Essas diferenças na criação vem pra dentro de sala sim, geralmente os meninos são mais espoletas, porque pra eles são dada mais liberdade, ou as mães das meninas as vezes são mais presentes, cobram mais, quando você dá um trabalho pra fazer em casa a tendência é que o das meninas venham mais caprichados, mais coloridinhos, todo bonitinho. E dos meninos todo de qualquer jeito, porque tem implícito aquilo que menina é assim mesmo, e não é o caso, não tem nada a ver, o capricho e dedicação com menino ou menina. A gente percebe essa diferença sim, ou as vezes até de bater de frente, por exemplo: Quando você chama atenção e uma menina bate de frente com você: "Mas nossa né, é menina tinha que ser mais educadinha!" Mas quando é um menino que bate de frente, não fica tão espantada assim. (Dado coletado em: 29.jul.2016)

As professoras entrevistadas apontam então uma diferença notável entre o comportamento das alunas e dos alunos. Percebemos também, pelas observações cotidianas, que recorrentemente cobra-se que as meninas apresentem comportamentos mais dóceis, mais caprichosas, associando a feminilidade a algo pequeno, restrito. Enquanto dos meninos é permitido que sejam mais livres, são relevadas algumas atitudes e é incentivado que esses demonstrem sua força, sendo a masculinidade associado a algo grande. Maia, Maia e Navarro (2011), em sua pesquisa, constataram que as professoras associam o feminino a temperamentos e comportamentos que remetiam a fragilidade, delicadeza, sensibilidade e maternidade. Enquanto a masculinidade é associada a impaciência, ausência de carinho, as professoras apontaram que a construção do masculino também se dá pela construção decorrente do social, eles foram apontados como agressivos, agitados, mandões e relaxados.

Halpern, Silva C. e Silva L. (1999) apontam em seus estudos o discutido por Enguita (1989) em que o autor argumenta que as meninas são mais submissas, ou foram educadas para submeter-se a autoridade, por isso ajustam-se mais facilmente ao ambiente escolar. Enquanto os meninos são

criados para serem independentes. As autoras e o autor apontam ainda, que em sua pesquisa os professores apontaram que:

As meninas como mais responsáveis, dedicadas, estudiosas, interessadas, sensíveis, atentas. Enquanto os meninos são malandros, não têm hábitos de estudo, não ficam em casa para estudar, saem para jogar bola, faltam as aulas, são dispersivos, têm interesses fora da escola, são agitados, não prestam atenção, ainda que mais inteligentes. (HALPERN, SILVA C. e SILVA, L, p. 215, 1999)

Além do mais, 80% dos professores e professoras entrevistados na pesquisa em questão responderam que consideram as meninas mais aplicadas, enquanto apenas 2% indicam os meninos. Nossa pesquisa aproxima-se das informações acima, uma vez que as professoras entrevistadas responderam de forma bastante assertiva que as meninas apresentam um comportamento mais tranquilo, não respondem tanto, são estudiosas e solícitas, ao contrário dos meninos.

Quanto às ações realizadas pelas professoras para a resolução da problemática em questão, elas apontaram que procuram agir da forma mais natural possível ou então, uma ação voltada para o aluno ou a aluna, independente do gênero. Ilustraremos o tópico com uma resposta dada pela professora de cada grupo:

P2:

Não eu percebo isso, mas é uma coisa que eu procuro não cultivar que a educação, a receptividade, tem que ser de todos e todo mundo tem que ouvir e todo mundo tem direito de falar, e o que a gente tem que respeitar é a personalidade de cada um como pessoa. Tem gente que é mais aberta, tem gente que é mais fechado, mas não necessariamente por ser homem ou por ser mulher não, **a gente como professor tem que respeitar a personalidade de cada um**, não porque é menina tem que ser mais assim, ah você é menina você não pode fazer isso. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

P5:

Eu não espero um comportamento de gênero, espero um comportamento de ser humano: "Ser humano nessa situação você não pode fazer isso, então nos vamos conversar"(se necessário fosse repreender o aluno) (Dado coletado em: 29.jul.2016)

Diante disso, observamos que as professoras entrevistadas compreendem que há uma diferença no ser menina e ser menino e atribuem grande parte da situação à família. Evidenciando uma proximidade com as conclusões de (MAIA, MAIA e NAVARRO, 2011) em que as autoras e o autor apontam que, em sua pesquisa, constataram que as professoras creem que a escola não exerce influência no desenvolvimento de gênero de seus alunos,

explicando que há um tratamento igualitário e que essas diferenças são ensinadas em casa.

Quanto às ações elencadas em suas tentativas de minimizar a situação apresentada, as professoras entrevistadas afirmam procurar tratar alunas e alunos da forma mais igualitária possível, prezando pela formação humana. No entanto, Saffioti (1999) aponta que a construção do gênero é um processo minucioso, sutil e inacabado, em que família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se como instâncias importantes nesse processo constitutivo do ser menina e ser menino.

Em virtude de nossas observações e contrapondo-as com as ações apontadas pelas professoras em suas tentativas de minimizarem as práticas discriminatórias em virtude do gênero, compreendemos que em algum lugar da escola, essa construção continua ser feita. Por isso, é importante que a escola e os segmentos envolvidos ofereçam subsídios para que os profissionais estejam aptos a iniciar uma possível desconstrução do gênero. E foi essa a próxima temática abordada com as professoras.

3.5 A formação de professores e professoras na questão de gênero

Compreendemos que a escola é um espaço formativo, por isso, é importante compreendermos quais formações têm sido feitas e baseadas em qual formação teórica. Para tanto, Mendes e Silva (2005) alertam que para compreender a atuação dos profissionais da educação nas relações de gênero é necessário analisar como estes estão sendo capacitados, portanto, se a universidade tem contribuído para a formação de gênero nos profissionais, promovendo na atuação desse professor ou professora, e por fim na sociedade.

Halpern, Silva C. e Silva L. (1999) em sua pesquisa apontam que a condução do processo educativo, desde a instituição familiar, até a escola, é permeada de estereótipos de gênero. E a escola:

Embora a escola como instituição tenha objetivos explícitos e bem-intencionados, funciona com muito mais eficiência pelas redes de relações, pelo não-dito e não-explicitado, pelos rituais e simbolismos. Nesse cadinho que o/a aluno/a vai-se construindo como sujeito. (HALPERN, SILVA C. E SILVA L., 1999, p. 221).

Em virtude dessas relações permanentes na instituição escolar, questionamos as professoras, a fim de saber das formações que elas já receberam sobre o tema, tanto no período de formação na faculdade, ou em formações continuadas, cursos de extensão, etc. Por meio das respostas das professoras, observamos que elas relatam nunca terem participado de nenhuma formação a respeito do tema. É o que diz a P3:

Cursos não, nem no município, nem no estado, na universidade também não, eu tinha o conhecimento porque eu tive aula com uma professora que trabalha essa questão. (Dado coletado em: 14.jul.2016)

Assim como a P5:

Não, na verdade nem de formação, nem de palestra, nem de nada, eu tive contato com o assunto por conta de um programa de televisão que eu assisti e eu fiquei curiosa e fui procurar, e vi que na internet tem muita coisa, muitos vídeos falando sobre isso, muitos textos falando sobre isso. É uma coisa que realmente, quando você começa a estudar da lá uma confusãozinha na sua cabeça e você foi ensinada de uma certa forma, mas tem que ser estudado porque na hora que você lê e você escuta, e pensa: e tudo aquilo que me falaram não estava tão certo assim, mas nunca participei de nada não. (Dado coletado em: 14.jul.2016)

Todas as professoras apontaram que nunca tiveram uma formação sobre o tema, aproximando-se com os resultados da pesquisa de Halpern, Silva C. e Silva L. (1999), em que as autoras e o autor relatam que, identificaram em sua pesquisa, que as professoras mostram que sua formação acadêmica em relação ao tema da sexualidade foi precária e/ou inexistente. Assim como na pesquisa mencionada, nenhuma delas recebeu aulas formais ou participou de disciplinas específicas sobre o tema.

Os autores e autoras¹ apontados na pesquisa de (Maia, Maia e Navarro 2011), apontam que as ações promovidas na escola, por vezes são sexistas e discriminatórias, e isso ocorre, em virtude de uma formação deficiente dos profissionais sobre o tema, tendo o sistema educacional colaborado com a perpetuação de ideias ultrapassadas a respeito das identidades pessoais. Essas ações tornam-se naturais dentro da escola e assim é evidenciada a necessidade de uma formação consistente sobre o tema, nas situações de formação.

¹ Felipe e Guizzo (2004) e Mott (1997); Louro (2003); Toscano (2000); Louro (2003); Meyer (2003) *apud* Maia Ana, Maia Ari e Navarro (2011)

É preciso que professoras e professores conscientizem-se, por meio da educação, que a escola tem sido um campo de reprodução das questões de gênero, uma vez que, por meio da condução do trabalho e das relações interpessoais a escola institui identidades, ditando os comportamentos que são esperados e punindo os que não se encaixam naqueles padrões.

Por essas respostas então, compreendemos que a formação dos professores que atuam em sala de aula não contempla as questões de gênero. No entanto, apontamos que ao final do ano de 2015, em uma reunião pedagógica pelo estado do Paraná foram trabalhadas com as professoras e os professores, questões a respeito da violência contra mulher, que abordava temáticas próximas à questão de gênero, como além da violência, a compreensão de que ela é responsável de forma desigual pelas tarefas domésticas e ou mais responsável pelos filhos.

3.6 Gênero e a divisão de tarefas domésticas

Buscamos investigar se as professoras compreendem que, de acordo com a pesquisa da organização *Plan International Brazil*², as meninas tem menos tempo para estudar, brincar e ser criança, porque são, desde cedo, ensinadas e cobradas a ajudarem em casa. Pelas respostas das professoras, observamos que elas compreendem que às meninas são delegadas as funções domésticas em casa, enquanto os meninos são mais livres. É o que diz a P4:

Na própria turma que eu tenho: **ai hoje é sexta feira, hoje é dia que tenho que ajudar minha mãe fazer faxina e você não ouve menino falando isso**, não é ensinado, hoje em dia posso dizer que já começam a fazer os meninos em casa. Mas tem pais que acham que menino não pode fazer esse tipo de coisa porque vai torná-lo homossexual e isso é ridículo. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

A P1 usa um exemplo de seu cotidiano:

Agora há uma divisão de tarefas sim, não concordo porque tenho três meninos como eu não tenho menina o meu menino lava a louça, ele se espelha no pai porque o pai cozinha, lava louça, arruma. Então veja só, por outro lado, será que se eu não tivesse menina eu não ia passar tudo, será que também não? (Dado coletado em: 14.jul.2016)

² Pesquisa realizada com duas mil meninas entre 6 e 14 anos, a assessora nacional de Gênero e Segurança dessa Ong, Célia Bonilha explica que o estudo comprova que pelo fato de serem meninas elas são tratadas como responsáveis pelo trabalho doméstico.

Ricarte *et al* (2015) apontam que esse processo de transferências das tarefas domésticas para as meninas é uma construção social, uma vez que, as crianças são educadas diferente umas das outras de acordo com o seu sexo, as autoras e o autor apontam que os meninos ocupam a categoria de dominadores e as meninas a categoria de subordinada. E essas diferenças, que se transformarão em desigualdades, podem ser observadas nas brincadeiras; As brincadeiras das meninas estão no campo diminutivo, como bonequinha, panelinha, casinha, e assim as meninas vão sendo treinadas a lidar com coisas pequenas e voltadas ao cuidado.

As professoras entrevistadas afirmaram que em casa seus maridos são responsáveis por tarefas também, bem como seus filhos ou então observam essa regra em sua família. Contudo, concordam que reconhecem que isso é mais cobrado das meninas do que dos meninos. A p2 afirma que esse comportamento está progredindo:

Eles às vezes não assumem que fazem as coisas da casa, mas eu percebo que comigo quando a gente fala, tem um capítulo em geografia e sociologia que fala dessas questões, **e 90% dos meninos assumem que fazem que tem que fazer tarefa em casa.** Que um dia é ele tem que lavar a louça e no outro a irmã. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

Diante do exposto, compreendemos então que vivemos em tempos em que as meninas são responsáveis e cobradas pelas tarefas domésticas. No entanto, as famílias tem responsabilizado também os meninos quanto a isso.

3.7 Diante do que você observa, a educação de gênero é importante?

Foram discutidas as temáticas expostas com as professoras, a partir disso, elas foram questionadas a respeito da importância da educação voltada para a questão de gênero, percebemos que elas relutam ao apontarem que esse tema deve ser melhor elaborado e discutido de forma sistematizada no ambiente escolar.

P2 diz:

Tem muito pra melhorar, tem bastante pra melhorar, **mas eu acho que antes de gênero a gente tem que pensar nas pessoas**, no ser humano. No quem são, no como são e no por que são. E não necessariamente no que é, como é e por que é. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

P5

Eu não sei se a educação de gênero, mas é importante falar sobre isso, porque como a gente estava conversando, esse assunto se tornou mais falado recentemente. E muitas vezes as crianças,

principalmente, que estão ligadas na internet, às vezes a menina se identifica com as coisas do gênero masculino e se sente estranha, se sente culpada, se sente diferente, claro que isso vai ser mais forte, quando se fala no sentido da sexualidade, não só da identificação de outros fatores, em sala, ou fora de sala, na família, na verdade nem tem que ter coisa de menino e coisa de menina, são coisas de pessoas, mais essa definição vem de antes e é bastante arraigada então é preciso que se converse sobre isso, pra se desfça esses equívocos que se foram criados aí. (Dado coletado em: 29.jul.2016) (grifos nossos)

Conforme apontado pela P5 as alunas e os alunos tem tido contato com as discussões por meio das redes sociais, youtubers, e em toda a internet. Por isso, a escola deve estar preparada para orientar devidamente os alunos e alunas. P4 é a única professora entrevistada que afirma que a educação de gênero é importante porque:

Sim, acredito sim porque a gente ainda vive numa sociedade que tem coisa de meninos e coisa de meninas. A única coisa que tem de menina é banheiro de menina e banheiro de menino o resto não tem mais nada separado, não existe mais isso. (Dado coletado em: 14.jul.2016) (grifos nossos)

Devido a pouca formação das professoras na área em que foi realizada a pesquisa, percebemos que elas elencam outros assuntos como prioritários na escola. Maia, Maia e Navarro (2011) discutem que a naturalização de alguns hábitos, concepções e valores que mantemos e isso na escola, pode indicar a existência de procedimentos de repressão sexual muito arraigados presentes na civilização. As autoras e o autor, ainda apontam sobre a possibilidade de a escola inserir por meio de debates e divulgação da produção científica as discussões sobre o gênero para professoras e professores que atuem com a formação dos alunos e alunas. A discussão do gênero no ambiente escolar poderia ser uma forma de desconstruir esses valores presentes na sociedade, caminhando em busca de uma sociedade mais igualitária, em que, além dos mesmos direitos não somente nas leis, mas frente a sociedade, homens e mulheres tenham os mesmos deveres e compromissos com as situações que dependem dos dois, como por exemplo, a manutenção de uma casa, a criação de filhos, a criação de crianças como sujeitos, independentes do sexo sem distinção.

4. CONSIDERAÇÕES

Conversando com professoras da rede pública estadual do Paraná, no município de Ourizona, compreendemos que, de fato, as professoras não têm esclarecido a definição de gênero, bem como, a forma que essa construção social interfere no modo que alunas e alunos estão escola. Confirmamos também a hipótese de que as professoras não tiveram a formação necessária sobre o tema e o mesmo ocorre nas formações continuadas. Apesar de reconhecerem que existe uma diferença entre alunos e alunas elas acreditam que essa diferença é ensinada em casa, eximindo a escola de suas responsabilidades. Contudo, durante as observações na escola já foi presenciado professores refletindo sobre a postura de outros colegas que realizam a diferenciação e ou cobram das alunas um comportamento diferente do que é esperado dos alunos.

Assim como na pesquisa de Maia, Maia e Navarro (2011), os relatos das professoras permitem perceber que as relações de gênero na escola se manifestam de várias formas, eles são vistos nos comportamentos em sala, na escolha de cores, na atribuição de diferentes desempenhos acadêmicos dos alunos e também pela ‘sombra’ da homossexualidade, caso não representem o comportamento esperado para seu sexo.

Deste modo, nossas indagações e investigação mobilizou a reflexão de que a questão de gênero deve ser estudada em diferentes realidades, ou seja, as formas como essa questão é compreendida, investigando ainda, as formas que professoras e professores enxergam essa temática e como as conduz em sala; como professores expressam a sua percepção de gênero na sala de aula; de que forma essa temática vem sendo abordada nos projetos políticos pedagógicos de instituições públicas, entre outros questionamentos. Investigamos nesse trabalho a compreensão que professoras tem e como profissional da educação reconheço a importância de buscarmos compreender as diversas temáticas presentes na escola, destacando a forma, como a educação e instrução podem transformar a sociedade, nesse caso, o futuro e a vida de nossas alunas.

5. REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Marcelo; PINHO, Raquel; PULCINO, Pachel. **Papéis e identidades de gênero no cotidiano escolar**: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos. In: Em Aberto, Brasília, v. 27, n. 92, p. 127-146, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2445>>. Acesso em: abril.2016.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo**. In: Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; p. 679 a684. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>> . Acesso em: 17.mar.2016.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. (Re)Buscando Pêcheux: **Algumas reflexões (in)certas**. In: Por uma análise automática do discurso; Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Editora Unicamp, 1990.

HALPERN, Fernando Barros; SILVA Cármem A. Duarte e SILVA Luciana A. Duarte. **Meninas bem comportadas, boas alunas; Meninos inteligentes, indisciplinados**. In: Cadernos de Pesquisa, n° 107, julho/1999. p 207-225. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a09.pdf>>. Acesso em: jul.2016.

HENRY, Paul. **Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux (1969)**. In:FRANÇOISE, GADET; TONY, HAK (orgs.) Por uma análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Editora Unicamp, 3ª ed., 1997. P.13-39.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. In: Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 09.mar.2016.

MAIA Ana Claudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando e NAVARRO, Carolina. **Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental**. In: Psic. da Ed., São Paulo, 32, 1º sem. de 2011, p. 25-46. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100003> Acesso em: jul.2016.

MENDES, Olenir Maria; SILVA, Maví Consuelo. **As marcas do machismo no cotidiano escolar**. In: Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 1 – Jan./Jun. 2015 – ISSN online 1981-3082. P. 90-99. Disponível em:<<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31723>> Acesso em: abril.2016.

OLIVEIRA, Leidiane; SANTOS, Silvana Mara de Moraes. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital**: limites, contradições e avanços.

In: Rev. Katál. Florianópolis v. 13n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>> Acesso em: 03.mar.2016.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: FRANÇOISE, GADET; TONY, HAK (orgs.) Por uma análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Editora Unicamp, 3ª ed., 1997. P.61-63.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. Editora Unicamp 3ª ed., 1988.

PLAN INTERNATIONAL. **Por ser menina no Brasil**: Crescendo entre Direitos e Violências Pesquisa com meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do Brasil. 2013. Disponível em < <https://plan.org.br/por-ser-menina-no-brasil-crescendo-entre-direitos-e-viol%C3%Aancia>>. Acesso em: 06.jun.2016

PRINCIPAIS vítimas de trabalho doméstico meninas tem menos tempo para brincar e estudar. In: <http://www5.tjba.jus.br/infanciaejuventude/index.php?option=com_content&view=article&id=838:principais-vitimas-de-trabalho-domestico-meninas-tem-menos-tempo-para-brincar-e-estudar&catid=2:noticias&Itemid=13> Acesso em: 25.mar.2016.

RESENDE, SIPRIANO MOISÉS. **Olhares sobre os corpos e a construção de “homens” e “mulheres” na escola**. In: Motrivivência Ano XXIII, Nº 37, P. 69-82 Dez./2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p69>> . Acesso em: mai. 2016.

RICARTE, Barbara Laiana et al. **As relações de gênero no ambiente escolar como forma de enfrentamento a violência contra a mulher e a construção da emancipação humana** . In: INTESA(Pombal - PB - Brasil) v. 9, n. 1, p. 43-67, Jan. - Jun., 2015. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/3231>> Acesso em: 25.jan.2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Primórdios do conceito de gênero**. In: Cadernos pagu (12) 1999: pp.157-163. Disponível em: <<http://www.pucminas.br/gpfem/documentos/primordios-genero.pdf>> Acesso em: 03.mar.2016.